

Investigador A

O caso do homem de negócios assassinado

Personagens Principais

Roberto Gaia: A vítima, dono da concessionária automóvel AutoGaia

Maria Gaia: A mulher da vítima

Lt. Marco Marques: Detetive responsável pela investigação

Sgt. Carlos: Polícia participante na investigação

Eduardo Silva: O “Faz-tudo” que trabalhava para os Gaia

Bruno Pereira: Jardineiro que trabalhava para os Gaia

Miguel Matos: Dono da MMAuto; parceiro de negócios da vítima

Simão Nogueira: Gestor de peças na AutoGaia

Duarte Dias: Dono da Loja Dias no Centro Comercial de Cacém

** Os suspeitos em consideração são:

Miguel Matos

Bruno Pereira

Eduardo Silva

Homem de negócios Assassinado

Roberto Gaia, um importante homem de negócios local foi encontrado morto atrás da sua casa em Cascais, esta manhã. O detective Lt. Marco Marques, pertencente à esquadra de Lisboa, reportou que o Sr. Gaia foi aparentemente assaltado quando saía de sua casa para jogar golfe, esta manhã. Ele levou uma pancada na cabeça acima do seu olho esquerdo e caiu de um lance de escadas que dão para a parte traseira da casa.

O relatório preliminar da autópsia concluiu que a morte foi causada pelos ferimentos da queda e não pela pancada na cabeça. O relatório estima que a morte do Sr. Gaia ocorreu entre as 6:30 e as 7:00 horas da manhã. Lt. Marques não confirma nem desmente rumores de que o Sr. Gaia foi roubado. “Estamos a seguir todas as pistas. É tudo o que tenho a dizer por agora”, disse Lt. Marques.

[Excerto de um artigo na edição de Domingo do jornal local, Sentinela do Vale.]

Maria Gaia

Excertos da entrevista de
Lt. Marques (Lt.M) a Maria Gaia (Sra. G),
mulher de Roberto Gaia

Lt. M: Sra. Gaia, Eu sei que não vai ser fácil, mas eu preciso que me responda a umas questões.

Sra. G: Não faz mal. Tem que ser feito – e por favor, chame-me Maria

Lt. M: Okay Maria, diga-me o que se lembra de Sábado de manhã.

Sra. G: Bem, eu durmo sempre mais um pouco aos Sábados. Levantei-me por volta das 9h ou 9h15 e fiz aeróbica das 9h30 às 10h. A seguir tomei um duche e quando estava a secar o meu cabelo ouvi uma batida na porta do pátio. Era o Eduardo Silva, o nosso “faz-tudo”.

Lt. M: Isso foi por volta das 10h30?

Sra. G: Sim, acho que sim... Não tenho a certeza absoluta.

Lt. M: Tem a certeza das horas a que se levantou e das horas a que fez aeróbica?

Sra. G: Sim, estou razoavelmente certa das horas. Sabe, eu vejo um programa de aeróbica na TV; É todas as manhãs das 9h30 às 10h.

Lt. M: Então, quando o Sr. Silva lhe disse que o seu marido estava magoado, o que é que fez?

Sra. G: Ele não me disse que era o Roberto... não logo de início. Ele apenas me disse que tinha havido um acidente e que eu devia chamar uma ambulância. Eu lembro-me de me sentir assustada, mas não me ocorreu que poderia ser o Roberto.

Lt. M: Esta foi a primeira vez que soube que alguma coisa tinha acontecido?

Sra. G: Sim, o Roberto joga sempre golfe aos Sábados de manhã. Ele sai sempre cedo e não volta antes das 11 ou assim. Eu pensei que ele estava no clube.

Lt. M: Disse que estava assustada. Suspeitou que o Sr. Silva não lhe estava a contar tudo?

Sra. G: Nem por isso.... Suponho que estava simplesmente a reagir à urgência na voz do Eduardo.

Lt. M: Sabe se o Sr. Gaia chegou a sair de casa durante a manhã?

Sra. G: Não, não tenho a certeza. Tudo o que me lembro é que ele estava a falar ao telefone no escritório. É do outro lado do corredor do quarto. Eu lembro-me que estava luz lá fora... por isso deve ter sido por volta das 6h. De seguida, surpreendentemente, ouvi vozes – ou voz – a gritar... Não tenho a certeza. Ainda estava meia a dormir. Parecia que vinha lá de fora.

Lt. M: Onde é que é localizado o quarto?

Sra. G: Na parte de trás da casa, no canto noroeste. De qualquer maneira, eu pensei que fosse o Roberto. Eu pensei que ele talvez estivesse a gritar à gata. Ela às vezes corre para fora da porta do pátio quando ele está a sair e isso enfurece-o. Mas depois eu ouvi o que pareceu um gemido e alguma coisa caiu. Isto acordou-me completamente. Eu fui até à janela e olhei lá para fora, mas não vi nada.

Lt. M: Consegue ver o deque da sua janela?

Sra. G: Não, não muito bem. Eu lembro-me de olhar para o relógio. Eram cerca de 6h40. Eu pensei, “O Roberto a esta hora já saiu.” Depois ouvi um carro na estrada de gravilha. Fui até à janela do escritório, que dá para a frente da casa, mas não vi ninguém.

Lt. M: Pensou que era um carro a sair?

Sra. G: Sim, pensei. Eu vi a pickup do Roberto debaixo do telheiro e assumi que ele tinha tirado o Mercury da garagem. Às vezes ele leva a pickup. Eu lembro-me de pensar que o barulho que ouvi deveria ser da porta da garagem a fechar. Fecha sempre com um grande estrondo.

Lt. M: Consegue ver para debaixo do telheiro da janela do escritório?

Sra. G: Oh sim, completamente.

Lt. M: Então não suspeitou de nada até o Sr. aparecer à porta do pátio?

Sra. G: É verdade. Eu pensei que não era comum ele aparecer pela porta traseira. Ele normalmente vem até à porta da frente. E ele parecia preocupado. Ele abriu a porta parcialmente e quando me viu gritou, “Chame uma ambulância. Ouve um acidente.” Ou qualquer coisa parecida. Da maneira que ele disse pareceu muito urgente.

Lt. M: Então e o que fez?

Sra. G: Chamei uma ambulância como ele disse, e depois fui até ao deque (começou a chorar).

Lt. M: Eu sei que é difícil Maria, mas estamos quase a acabar.

Sra. G: Não consigo continuar.

Lt. M: Eu sei que está perturbada, mas por favor tente continuar. É muito importante... quando é que percebeu que era o seu marido?

Sra. G: Quando cheguei ao deque, eu olhei para baixo pela vedação. Eu fiquei espantada. Eduardo olhou para mim e abanou a sua cabeça. Depois eu percebi que era o Roberto, e de alguma forma eu soube que ele tinha... morrido (soluçando). Eu desfiz-me. Eu não podia continuar a olhar para ele. Voltei para dentro e fiquei lá até à ambulância chegar. O Eduardo veio ter comigo e perguntou se havia alguma coisa que ele pudesse fazer. Eu acho que lhe pedi para ele ligar à minha irmã. Em todo o caso, ela chegou aqui mesmo antes da ambulância.

Lt. M: Maria, não havia nem carteira nem qualquer identificação com o seu marido. Ele normalmente andava com uma carteira?

Sra. G: Sim, ele anda sempre.

Lt. M: Ele costuma ter consigo muito dinheiro?

Sra. G: Não muito. Normalmente ele não tem consigo mais de 50 Euros.

Lt. M: Não se importa que vejamos se ele deixou a carteira em casa no Sábado?

Sra. G: Não, esteja à vontade.

Lt. M: Obrigada pela sua ajuda Maria. Cuide-se.

[Lt. Marques e Maria Gaia procuraram a carteira em casa, mas não a encontraram.]

Eduardo Silva

Excertos da entrevista do
Sargento Carlos (Sg. C) com o Eduardo Silva (Ed. S),
O “faz-tudo” dos Gaia.

- Sg. C: Sr. Silva, você disse que chegou a casa do Sr. Gaia por volta das 6h da manhã de sábado. Está a deitar abaixo um celeiro para ele, creio eu.
- Ed. S: Sim, eu cheguei por volta das 6h. O sol estava a nascer. Eu gosto de trabalhar cedo antes que fique muito calor.
- Sg. C: Notou alguma coisa fora do comum quando chegou?
- Ed. S: Não. A luz estava acesa no escritório do Sr. Gaia, mas isso não é anormal. Ele está sempre levantado quando lá chego de manhã. Ele é um trabalhador esforçado. Ele ganhou o seu dinheiro; não lhe foi dado.
- Sg. C: O que aconteceu para ver o corpo do Sr. Gaia?
- Ed. S: Eu voltei à minha camioneta para buscar o pé-de-cabra. Eu tinha-o deixado ao lado da camioneta. Quando voltei, o pé-de-cabra tinha desaparecido. Olhei em volta... e foi quando vi o Sr. Gaia deitado na relva através da passagem coberta. Inicialmente pensei que era o Bruno Pereira – ele corta a relva aos Sábados. Ele chega sempre cedo e pensei que ele talvez se tivesse magoado. Em todo o caso, corri para ele. Fiquei chocado por ver o Sr. Gaia. Eu não pensei que ele estivesse ali sequer, porque ele joga golfe aos Sábados. Ele sai às 6h30, certo como um relógio, e nunca está de volta antes do meio-dia.
- Sg. C: Ok, então você correu para o Sr. Gaia... e depois o que aconteceu?
- Ed. S: Sim, como eu disse fiquei chocado. Ele parecia mesmo mal. Havia sangue na sua cabeça e ele estava ali deitado de forma realmente estranha. Eu corri escadas acima e bati na porta que dá para o pátio. Comecei a abri-la quando vi a Sra. Gaia que vinha da sala de estar. Pensei que não devia alarmá-la muito por isso apenas disse, “Chame uma ambulância. Houve um acidente.” Ela passou por mim a correr como se ela soubesse que era mau, mas eu parei-a e disse, “Está tudo bem, chame apenas a ambulância.” Nunca lhe disse que era o Sr. Gaia. Eu só soube que ele estava morto quando voltei a descer as escadas.
- Sg. C: Chegou a encontrar o pé-de-cabra?
- Ed. S: O quê?... Oh... não. Não voltei. Não voltei a procurar. Eu estava muito perturbado. Eu nem sequer voltei ao celeiro. Eu saí mal a ambulância chegou. Nessa altura, a irmã da Sra. Gaia e o marido estavam lá e eu não achei que pudesse fazer alguma coisa.
- Sg. C: Inicialmente você disse que pensou que era o Bruno Pereira deitado na relva em vez do Sr. Gaia. O Bruno estava lá na manhã de Sábado?
- Ed. S: Sabe, eu não sei... Agora que penso nisso, o carro dele não estava lá e as ferramentas de jardinagem assim como o cortador de relva não estavam lá fora. Mas eu acho que ouvi a camioneta dele antes.
- Sg. C: Quando é que isso foi?
- Ed. S: Não tenho a certeza. Apenas me lembro de ouvir um carro com o motor ruidoso e pensar, “É o Bruno”. Nenhum dos carros do Sr. Gaia faz tal barulho. Acho que foi por volta das 7 da manhã.
- Sg. C: Ouviu mais alguma coisa? Ouviu qualquer coisa como uma luta ou, talvez, o Sr. Gaia a cair?

- Ed. S: Não, não posso dizer que tenha ouvido. Sabe, o celeiro ainda é longe da casa... provavelmente 200 a 300 metros. E também há árvores no caminho.
- Sg. C: Você disse que voltou para buscar o pé-de-cabra que estava junto à sua camioneta. Onde estava a sua camioneta?
- Ed. S: Estava debaixo do telheiro ao lado da pickup do Sr. Gaia.
- Sg. C: Porque é que não a levou até ao celeiro que é o sítio onde estava a trabalhar?
- Ed. S: Bem... tinha estado a chover na noite anterior, e não queria ficar preso lá em baixo. Existe um caminho de gravilha, mas não é largo o suficiente. Além disso, o Sr. Gaia não queria que eu fizesse sulcos na relva.
- Sg. C: Eduardo, você e o Sr. Gaia dão-se bem?
- Ed. S: Sim, sempre gostei dele... Ele era muito honesto no que diz respeito a negócios, pagava bem e era fácil trabalhar para ele.
- Sg. C: A sua filha trabalhou na concessionária de carros do Sr. Gaia, não foi? Eles davam-se bem?
- Ed. S: Sim, ela foi a contabilista dele durante alguns anos. De repente ela despediu-se. Eu não lhe perguntei sobre o assunto. Ela parecia perturbada, mas eu achei que era assunto deles. Percebe o que quero dizer?
- Sg. C: Claro, se se lembrar de mais alguma coisa que eu deva saber, telefone-me. Eu vou estando em contacto.

Miguel Matos

Excertos da entrevista do
Lt. Marques (Lt. M) com o Miguel Matos (M.M.),
proprietário da MMAuto

Lt. M: Sr. Matos, eu tenho que lhe fazer algumas perguntas difíceis. É do conhecimento de todos que o Sr. e o Sr. Gaia têm uma longa história, as coisas estavam um pouco ásperas entre os dois ultimamente.

M. M.: Tínhamos as nossas diferenças.

Lt. M: Telefonou ao Sr. Gaia no Sábado de manhã?

M. M.: Sim.

Lt. M: Porquê?

M. M.: Bem, nós normalmente jogamos Golfe com mais dois companheiros aos Sábados de manhã. Bem, nas últimas duas semanas as coisas tinham andado esquisitas e francamente desagradáveis às vezes. Eu disse-lhe que devíamos deitar as coisas para trás das costas ou então um de nós devia deixar o grupo de Golfe. Não era justo para os outros. Iriamos arruinar o golfe deles.

Lt. M: Os outros são o Ricardo Rodrigues e o João Teixeira?

M. M.: Sim. De qualquer maneira, eu queria esclarecer as coisas antes de chegarmos ao clube de golfe.

Lt. M: Vocês jogam no Clube LX?

M. M.: Sim.

Lt. M: O que é que o Sr. Gaia disse quando você lhe ligou?

M. M.: O Roberto disse-me para ir passear. Eu disse-lhe, “Se tu vais jogar golfe, eu não vou!” Ele respondeu, “Está bem, faz o que quiseres.”

Lt. M: O que é que fez?

M. M.: O meu primeiro impulso foi pegar no carro e ir até casa dele e resolver isto cara-a-cara. Mas eu cheguei à saída para Cascais e pensei para mim, “Isto é estúpido. Nós vamos acabar a discutir.” Voltei para trás e parei num café do outro lado da 160th. Pensei mais um pouco sobre o assunto e decidi ir jogar golfe. Lá porque o Roberto quis fazer as coisas dessa forma, não quer dizer que fosse estragar o meu dia.

Lt. M: A que horas saíu de casa?

M. M.: 6:20, talvez 6:30... Não sei... Por volta dessa hora.

Lt. M: Quanto tempo demora a chegar, de sua casa, a Cascais?

M. M.: Não sei, é cerca de 1km para Oeste de Estoril, por isso é cerca de 9 kms no total. Provavelmente leva 15 minutos ou assim.

Lt. M: Quanto tempo esteve no café?

M. M.: Não me lembro ao certo. Porquê? O que é isso interessa?

Lt. M: Sr. Matos, a sua relação com o Sr. Gaia não estava na melhor situação. Para ser honesto, não sabemos o que aconteceu na passada manhã de Sábado, mas é claro que houve um crime. Agora, nós estamos a seguir todas as pistas. Se não quiser responder às minhas questões, não tem que o fazer... pelo menos, não por agora.

M. M.: Eu realmente não sei. Eu acho que bebi dois cafés e depois saí – por isso talvez 10 minutos.

Lt. M: Foi para o campo de golfe directo do café?

M. M.: Certo.

Lt. M: São cerca de 5 kms de Cacém para o campo de golfe de Clube LX?

M. M.: Sim.

Lt. M: Então você saiu de casa algures entre as 6:20 e as 6:30, conduziu durante 15 minutos até Cascais; uns minutos até ao café, 10 minutos ou assim a beber café, e mais 8 minutos até Clube LX. Deixe-me ver... Isso faz com que esteja no campo de golfe por volta das 7h, mais ou menos 5 minutos. Está mais ou menos certo?

M. M.: Parece-me correcto... sim. Cheguei lá às 7h; Essa é a hora a que sempre nos encontramos.

Lt. M: Não foi a casa do Gaia na manhã de Sábado?

M. M.: Não, não fui.

Lt. M: Obrigado pelo seu tempo.

Bruno Pereira

Excerto da entrevista do
Lt. Marques's (Lt.M) com o Bruno Pereira (B.P.),
Jardineiro dos Gaia

Lt. M: Bruno, eu preciso de falar consigo sobre a morte do Sr. Gaia. Ouviu falar disso, não ouviu?

B. P.: Sim, senhor. Foi terrível, não foi?

Lt. M: Sim, foi uma pena. Esteve na casa do Sr. Gaia no sábado de manhã?

B. P.: Não senhor.

Lt. M: Não costuma cortar a relva ao Sábado?

B. P.: Sim senhor. Eu normalmente corto, mas não no último Sábado.

Lt. M: Porque não?

B. P.: Bem, eu tinha cortado a relva na semana anterior.

Lt. M: Mas nesta altura do ano não costuma cortar a relva todas as semanas?

B. P.: Sim, mas... Eu não me estava a sentir muito bem no último sábado de manhã. Para além disso, choveu na sexta-feira à noite e a relva estaria provavelmente molhada.

Lt. M: Mas eu cortei a minha relva no último sábado de manhã. Às 9h30, o sol já tinha secado a relva. Lembre-se, estava limpo e quente. Não lhe ocorreu que a relva estaria seca mais tarde durante a manhã?

B. P.: Acho que sim, mas depois achei que não ia ter tempo de o fazer antes do meu jogo de futebol.

Lt. M: Bruno, a que horas foi o seu jogo de futebol?

B. P.: Meio-dia.

Lt. M: Normalmente, quanto tempo leva a cortar a relva?

B. P.: Umas 2 horas, mas eu tinha outras coisas que precisava de fazer lá.

Lt. M: Não podia ter feito essas coisas enquanto a relva secava e ainda conseguir chegar ao jogo de futebol a tempo?

B. P.: Suponho que sim... Não sei. Eu gosto de chegar ao jogo cedo. Para além disso, eu não me estava a sentir muito bem de manhã.

Lt. M: Bruno, eu devo-lhe dizer isto já... O Sr. Silva.... Conhece o Sr. Silva não conhece?

B. P.: Está a falar do Eduardo, o carpinteiro? Sim senhor, eu conheço-o.

Lt. M: Bem, o Sr. Silva ouviu o seu carro na casa dos Gaia no Sábado de manhã. Como é que explica isso?

B. P.: Como é que ele saberia que era o meu carro? Quando?

- Lt. M: Ele apenas disse que ouviu o seu carro cerca das 7h da manhã de Sábado. Ele disse que reconheceu o ruído do motor.
- B. P.: Não, ele não pode ter ouvido. Eu não estava lá às 7h da manhã de Sábado.
- Lt. M: Bruno, vamos lá. Nós sabemos que o seu carro esteve na casa dos Gaia. Nós encontramos marcas de pneus recentes ao longo da borda de gravilha, perto da garagem. As marcas correspondem aos seus pneus, Bruno, e nós sabemos que têm menos que uma semana.
- B. P.: Okay, Okay, eu estive lá na sexta para pedir ao Sr. Gaia um adiantamento. Eu estava com falta de dinheiro. Ele deu-mo.
- Lt. M: Na sexta, a que horas?
- B. P.: Perto das 4h da tarde, foi mesmo antes do treino da bola. Eu estava falido e ele ajuda-me sempre.
- Lt. M: Então pede dinheiro emprestado muitas vezes? Precisa do dinheiro para quê?
- B. P.: Sim, acho que sim. Eu preciso para o meu carro. Eu trabalho muito no meu carro, arranjando-o, mantendo-o em boa forma.
- Lt. M: Okay, Bruno, é tudo por agora. Falaremos mais tarde.
- B. P.: Sir, sabe que eu não bati ao Sr. Gaia – ele sempre foi bom para mim.
- Lt. M: Claro, Bruno, eu sei.... Vemo-nos por aí.

Ricardo Rodrigues

Excertos da entrevista do
Lt. Marques (Lt. M) com o Ricardo Rodrigues (R.R.),
Parceiro de Golfe de Gaia e Matos

Lt. M.: Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o Miguel Matos.

R. R.: Ficarei feliz por ajudar, se conseguir.

Lt. M.: Você joga Golfe com o Sr. Matos aos sábados de manhã, certo?

R. R.: Sim, jogo. Nós fazemos jogos regulares.

Lt. M.: Pode-me dizer alguma coisa sobre o relacionamento dele com o Sr. Gaia?

R. R.: Eles sempre foram bons amigos, menos nestas últimas semanas. Eles tiveram algum tipo de discórdia de negócios. O Miguel não diria grande coisa acerca disso, na verdade. Eles tiveram problemas no passado, mas nunca foi tão mau como agora.

Lt. M.: Okay, agradeço a sua ajuda.

Duarte Dias

Excertos da entrevista do
Sgt. Carlos (Sg. C) com o Duarte Dias (D.D.),
Dono da Loja Dias, no Centro Comercial de Cacém

- Sg. C: Dave, quando telefonou no sábado de manhã, disse que encontrou uma carteira atrás da sua loja. Onde a encontrou?
- D. D.: Estava no chão, ao lado do caixote do lixo nas traseiras, perto de umas caixas que eu tinha colocado lá fora.
- Sg. C: Qual o aspecto da carteira?
- D. D.: Era uma carteira boa. Parecia nova e cara, por isso eu pensei que era estranho que alguém a mandasse fora.
- Sg. C: Tinha algum dinheiro lá dentro?
- D. D.: Não, na verdade estava vazia. Tudo o que eu encontrei foram os cartões do Sr. Gaia dentro do caixote do lixo.
- Sg. C: Nunca encontrou dinheiro nem a carta de condução?
- D. D.: Não, apenas 3 cartões de crédito.
- Sg. C: O que o fez ir lá fora?
- D. D.: Eu ouvi um carro parar nas traseiras e depois arrancar rapidamente. Eu fui lá fora para ver o que se estava a passar, mas o carro já tinha desaparecido quando eu lá cheguei. Foi aí que eu vi a carteira.
- Sg. C: Tem a certeza de que a carteira não estava lá antes?
- D. D.: Com certeza, eu passei mesmo próximo do local quando entrei uns momentos antes, e eu não sei como é que não a veria se ela já lá estivesse.
- Sg. C: Obrigado, Dave. Se pensar em alguma coisa, por favor ligue-me.

Simão Nogueira

Excertos da entrevista do
Lt. Marques (Lt. M) com o Simão Nogueira (S.N.),
Gestor de peças na AutoGaia

- Lt. M: Sr. Nietzel, preciso de lhe fazer algumas perguntas relativas à ligação do Gaia com a MMAuto. Estavam o Gaia e o Matos em dificuldades?
- S. N.: Sim, penso que sim. Nós temos feito negócio com o Matos há vários anos. Na verdade, ele começou a fornecer-nos peças quando ele ainda operava no celeiro, no local do antigo Matos.
- Lt. M: Eu ouvi dizer que o Matos teve o seu verdadeiro início quando começou a ser fornecedor do Gaia, e que eles foram amigos durante anos.
- S. N.: Sim, é verdade; eles têm sido amigos já há muito tempo. Eles têm os seus altos e baixos. Eles sempre resolveram as coisas anteriormente... até esta última situação. Parece que o Matos começou a dar peças de baixa qualidade ao Gaia, o que enfureceu o Roberto, porque ele preocupa-se em prestar um serviço de qualidade aos seus clientes. Ele até me disse para parar de fazer encomendas ao Matos.
- Lt. M: Que problema tinham as peças?
- S. N.: Bem, algumas não cabiam, algumas pareciam desgastar-se e partir facilmente. O meu palpite é que eram peças reconstruídas ou do mercado pós-venda.
- Lt. M: Quando é que se apercebeu que isto estava a acontecer?
- S. N.: Há cerca de 2 meses... tem sido uma bagunça desde então.
- Lt. M: Então gostaria de voltar para a MMAuto?
- S. N.: Não, e especialmente não o faria sem o Okay do Sr. Gaia. Ele era totalmente contra isso. Ele nem queria falar sobre isso. O Sr. Gaia era um homem orgulhoso e teimoso.
- Lt. M: Sabe alguma coisa sobre a Ms. Silva abandonar a empresa?
- S. N.: Está a falar de Sara Silva, a contabilista?
- Lt. M: Sim, Sara Silva.
- S. N.: Não, eu não sei mesmo nada em particular.
- Lt. M: Sabe se o Sr. Gaia tinha alguns inimigos ou clientes insatisfeitos?
- S. N.: Nem por isso. Sr. Gaia tratava os seus clientes como realeza. Ele dizia sempre, "O cliente tem sempre razão!" Ele não dizia isso apenas, ele vivia-o.
- Lt. M: Obrigado pelo seu tempo. Se pensar alguma coisa, ligue-me. Você foi uma grande ajuda.
- S. N.: Estou feliz por sê-lo – eu só quero que esta confusão se resolva.

Maria Gaia – Segunda entrevista

Excertos da segunda entrevista de
Lt. Marques (Lt.M) a Maria Gaia (Sra. G),
mulher de Roberto Gaia

Lt. M: Maria, eu preciso da sua ajuda para clarificar um par se assuntos, se não se importar.

Sra. G: Claro.

Lt. M: O Bruno Pereira parece ter problemas em lidar com o seu dinheiro. Ele pede emprestado ou pede adiantamento do ordenado com frequência?

Sra. G: Sim, com muita frequência.

Lt. M: Tem alguma ideia sobre em que é que ele usa o dinheiro?

Sra. G: Bem, não tenho a certeza, mas acho que ele esteve envolvido em jogos de azar.

Lt. M: Porque diz isso?

Sra. G: Bem, eu sei que ele joga poker com alguns amigos dele, e eu e o Roberto encontrámo-lo uma vez na pista de corridas. Nós só lá fomos poucas vezes, mas eu gosto sempre de ir apenas para ver os cavalos. Eu acho que eles são lindos. De qualquer forma, o Roberto e eu nunca apostámos mais do que uns poucos dolares. Mas quando vimos o Bruno lá, ele tinha uma grande quantidade de folhas de aposta na sua mão. Ele apercebeu-se da nossa presença e pareceu muito nervoso e rapidamente se afastou da janela de apostas. Após este incidente, o Roberto disse que ia manter o Bruno debaixo de olho.

Lt. M: Há quanto tempo é que isto aconteceu?

Sra. G: Foi pouco depois de ele começar a trabalhar para nós. Provavelmente há 2 anos.

Lt. M: Mais uma coisa, o Bruno esteve cá no sábado de manhã?

Sra. G: Não, não posso dizer que esteve, agora que penso nisso. Acho que com tudo o resto nunca pensei nisso, mas ele não apareceu para cortar a relva.

Maria Gaia – Segunda entrevista

Lt. M: O Miguel Matos veio cá no sábado?

Sra. G: Não, acho que não. A Melissa, mulher do Miguel, telefonou no sábado, no início da tarde. Ela disse que eles tinham acabado de ouvir na rádio e queria saber se havia alguma coisa que eles pudessem fazer.

Lt. M: Eles não vieram cá em nenhum momento?

Sra. G: Não no sábado. Eles passaram cá brevemente no domingo, para oferecer as suas condolências.

Lt. M: Penso que é tudo, Maria. Obrigado pela sua paciência. Eu espero não ter que incomodá-la novamente com estes detalhes.

Bruno Pereira – Segunda entrevista

Excertos da segunda entrevista de
Sgt. Carlos (Sg. C) a Bruno
Prentice (B. P.), o jardineiro de Gaia

- Sg. C: Bruno, desde que falou com o Lt Marques, algumas coisas novas surgiram. Eu relembro-o, Bruno, que não tem de responder às minhas perguntas se não quiser.
- B. P.: Senhor, eu não me importo. Eu não tenho nada a esconder.
- Sg. C: Muito bem. Disse que foi a casa de Gaia na sexta-feira à noite, não no sábado de manhã, correcto?
- B. P.: Sim senhor... Bem, na verdade eu fui lá na sexta à tarde, não na sexta à noite.
- Sg. C: Para pedir dinheiro emprestado, penso que foi o que disse.
- B. P.: Sim, está correcto.
- Sg. C: Este dinheiro foi para pagar dívidas de jogo, Bruno?
- B. P.: Não! Não, senhor!
- Sg. C: É verdade que é um jogador excessivo?
- B. P.: Não! Quero dizer... bem, eu jogo tanto como qualquer um. Sabe, eu jogo poker com os meus amigos e vou à pista de corridas de vez em quando. Eu costumava fazê-lo com muito mais frequência um par de anos atrás, mas eu reduzi mesmo. Eu não tenho um problema com isso senhor... mesmo!
- Sg. C: Okay, então estive lá na sexta e não no sábado?
- B. P.: Sim, senhor.
- T Sg. C: Aquelas marcas de pneus que o Lt. Marques te falou... Bruno, essas marcas foram quase de certeza feitas depois da chuva de sexta à noite. E, como tu sabes, choveu cerca das 10 horas até à meia-noite.
- B. P.: Mas... [longa pausa] ... Eu...
- Sg. C: Bruno tem a certeza que não há nada que me queira contar?
- B. P.: Está bem, senhor... eu estive lá... eu fui fazer algum trabalho. Eu vi o Sr. Gaia lá deitado. Eu fui até ele. Foi horrível.
- Sg. C: Bruno, porque não disse nada antes?
- B. P.: Ninguém vai acreditar em mim. Eu pensei que seria melhor sair dali e agir como se não soubesse nada.
- Sg. C: Então fugiu.
- B. P.: Fi-lo certamente. Quase que bati na camionete do Sr. Silva quando estava a tirar o carro da garagem. Não conseguir sair dali rápido o suficiente. Mudei de direcção – provavelmente foi por isso que saí da estrada.
- Sg. C: Enquanto estava na casa de Gaia, viu um pé-de-cabra?
- B. P.: O quê? Um pé-de-cabra? [longa pausa] Sim, vi, agora que fala nisso.

Bruno Pereira – Segunda entrevista

- Sg. C: Lembra-se de mais alguma coisa sobre isso?
- B. P.: Bem, eu lembro-me de pensar que seria do Sr. Silva porque o Sr. Gaia não tinha nenhuma ferramentas suas no local, além de algumas ferramentas de jardinagem. Mas depois pensei que era estranho porque o Sr. Silva dá sempre grande importância a manter as suas ferramentas trancadas quando ele não está por perto. E eu não o vi em lado nenhum. Tudo o que vi foi a sua camioneta.
- Sg. C: Bruno, o pé-de-cabra foi encontrado nos arbustos a sul da garagem com as suas impressões digitais. Consegue explicar isso?
- B. P.: Não, Sargento, eu juro! Eu peguei nele e movi-o, mas porque iria eu atirá-lo para os arbustos?
- Sg. C: É isso que eu gostaria de saber... Okay, vamos continuar. A que horas diria que esteve em casa do Gaia no sábado?
- B. P.: Não me lembro exactamente. Eu estava atrasado. Talvez 8, acho eu. Como eu disse, eu não me estava a sentir muito bem.
- Sg. C: Tirou a carteira de Sr. Gaia?
- B. P.: Não, senhor. Tem que acreditar em mim. Quando eu vi que ele estava morto, eu saí logo dali!
- Sg. C: Como sabia que ele estava morto?
- B. P.: Não sei... ele parecia morto e não se mexeu quando eu gritei.... Mais, ele não estava ali deitado numa forma normal.
- Sg. C: Foi para cima dele? Verificou a sua pulsação? Não tentou sequer obter ajuda? Talvez ligar à Sra Gaia ou alguma coisa?
- B. P.: Não, eu apenas saí dali. Eu não pensei que houvesse algo que eu pudesse fazer.
- Sg. C: Okay, obrigado Bruno. É tudo por agora.

Eduardo Silva – Segunda entrevista

Excertos da segunda entrevista de
Sgt. Carlos (Sg. C) com o Eduardo Silva (Ed. S),
o “faz-tudo” dos Gaia.”

Sg. C.: Eduardo, desde que falamos a última vez encontrámos o seu pé-de-cabra nos arbustos a sul da garagem dos Gaia. Pelo menos, nós pensamos que seja seu: tem “ED” marcado nele.

Ed. S.: Sim, todas as minhas ferramentas estão marcadas. Não se pode ser cuidadoso de mais. Eles pedem emprestado e depois esquecem-se que é nosso. Sabe o que quero dizer?

Sg. C.: Tem ideia de como terá ido parar aos arbustos?

Ed. S.: Não... não posso dizer que tenha.

Sg. C.: Estamos a tentar esclarecer algumas coisas sobre o último sabado. Disse que chegou a casa dos Gaia perto das 6 da manhã e foi directamente para o celeiro. Depois, cerca das 7 horas ouviu um carro com um silenciador barulhento. A Sra Gaia pensa que você veio à porta do patio perto das 10:30. Foi por volta dessa hora que descobriu o corpo de Sr. Gaia?

Ed. S.: Não tenho a certeza disso. Pode ter sido à volta dessa hora. Eu não me lembro mesmo.

Sg. C.: Okay, Eduardo, se pensar em mais alguma coisa, ligue-me.

Miguel Matos – Segunda entrevista

Excertos da segunda entrevista de
Lt. Mood's (Lt. M) com o
Miguel Matos (M. M.), dono da MMAuto

Lt. M.: Sr. Matos, preciso de voltar a verificar algumas coisas que me disse no outro dia. Disse que saía de casa perto das 6:20 ou 6:30 com a ideia de ir a casa do Sr. Gaia para falar com ele.

M. M.: Está correcto.

Lt. M.: Mas nunca chegou a ir a casa dele, e em vez disso parou para beber café.

M. M.: Sim.

Lt. M.: Então estive no café cerca de 10 minutos, penso que disse isso. E depois foi para o campo de Golfe, chegando lá perto das 7 horas.

M. M.: Sim.

Lt. M.: Disse que fez uma aproximação a Sr. Gaia porque queria esclarecer as coisas

M. M.: É verdade, mas ele tem sido tão cabeça-dura.

Lt. M.: Bem, é verdade que deu peças defeituosas a Sr. Gaia?

M. M.: As minhas peças automóveis são de qualidade respeitável tanto quanto eu sei. Se o Roberto teve algum problema com as peças que lhe dei, não foi obra minha.

Lt. M.: Ele escreveu-lhe esta mensagem?

[Cópia da mensagem na página seguinte.]

M. M.: Ah, sim, ele escreveu. Quando eu li que ele ia arruinar o meu negócio com outros clientes, eu ofereci-lhe as melhores condições que podia. Eu até estava disposto a vender-lhe peças a preço de custo para tentar consertar as coisas. Se eu perdesse o negócio, eu não sei o que faria. Ele consegue ser tão teimoso. Por isso eu chamei-o no sábado de manhã. Eu pensei que era tempo de resolver isto. Um a um.

Lt. M.: Quando recebeu a mensagem?

M. M.: Há uma semana, na segunda acho eu.

Lt. M.: Estou a ver. Okay, Sr. Matos, é tudo por agora.